

O “LIVRO” DE PLATÃO: UM COMENTÁRIO SOBRE O MITO ESCATOLÓGICO DO *FEDRO*

MARIA CAROLINA ALVES DOS SANTOS*

Faculdade de Filosofia e Ciências
da Universidade Estadual de Marília

RESUMO: *Este artigo é uma meditação sobre o sentido da obra de Platão, à luz do fascinante mito exposto por Sócrates, no Fedro, em sua palinódia a Eros. O relato que faz do tempo fabuloso das origens, por ser a narrativa de uma fundação, é aqui tomado como o paradigma hermenêutico a partir do qual a originalidade da filosofia platônica, cujo caráter é essencialmente religioso, pode ser vislumbrada em sua grandeza própria.*

PALAVRAS-CHAVE: *Platão; mito; reminiscência; escritura; alma.*

Para Stenio,
que indicou-me o caminho.

A grande metáfora do livro que se abre, que se soletra e que se lê para conhecer a natureza não é mais que o reverso visível de uma outra transferência, muito mais profunda, que constringe a linguagem a residir do lado do mundo.

(Foucault, *As palavras e as coisas*)

Parte I

1. Para reaver um bem perdido

1. Com o ato da escritura, numa atmosfera de liberdade criadora que envolve todo grande texto filosófico, Platão instaura um potente *logos* funda-

mentado num saber primordial que o torna *alethes*. Tal como os poetas antigos, pode-se considerá-lo também um “mestre da Verdade”, pois é capaz de vê-la diretamente e de enunciar palavras de elogio em seu nome (Detienne, 1988, p. 21). Pertence ao pequeno número dos que possuem o dom da memória (*Fedro* 250a: *oligai de leipontai ais to tes mnemes hikanos parestin*)¹, pois, “as lembranças desta contemplação não se acordam em todas as almas com a mesma facilidade” (id., ib.). Faz reverberar, em seus belos discursos, essa antiquíssima familiaridade com o lugar supraceleste (247c: *hyperouranios topos*), o qual “nenhum poeta jamais cantou de maneira adequada” (id.).

Nas imortais formulações que conseguiu cristalizar nos caracteres visíveis da escrita, os seus Diálogos, transcreve uma espécie de autobiografia espiritual onde reproduz, com a fidelidade que é possível à linguagem, o grande Diálogo incessante e silencioso, desenvolvido interiormente, ao longo de toda uma existência (Bernhardt, 1971, p. 16): tais textos nada mais seriam que reminiscências de incursões primitivamente empreendidas à região das absolutas Realidades².

A efetiva fixação dessas visualizações originárias em *biblios* – ocorridas quando a alma do filósofo seguia também o cortejo dos deuses e buscava imitar suas evoluções perfeitas, para usufruir tanto quanto possível daquelas visões “que devem ser consideradas as mais venturosas de todas” (250c) – traz a marca de uma íntima e prolongada convivência com o divino.

Repentinamente invadido por um estranhíssimo *pathos*, Platão pode conceber a narrativa mítica da palinódia do *Fedro*, valendo-se de termos e imagens visuais concernentes as cerimônias dos mistérios de Elêusis. Naquelas iniciações, quem fosse capaz de suportar as primeiras purificações, alcançaria um estado diferenciado, superior, de inefável bem-aventurança, que consistia no “ato de ver” as coisas divinas: então, algo de muito suave e brilhante começava a emergir e lentamente ia se espargindo, diante dos olhos maravilhados do neófito³. É assim que surgem as descrições platônicas, confiadas às folhas do papel nos sobressaltos do entusiasmo poético, da natureza alada da alma (246a: *oion men esti*) – uma carruagem subindo aos céus procurando imitar as evoluções perfeitas desenvolvidas pelos deuses – e das lembranças que guarda, nostalgicamente, dos resplandecentes vislumbres das magníficas realidades lá existentes, criando o mais importante texto sobre a experiência dos Mistérios. Constituirá uma referência fundamental para todo misticismo posterior, em sua acepção mais verdadeira⁴, fornecendo-lhe o modelo de uma nova teologia, contemplativa, poética, fonte viva, originária que fecunda sua filosofia⁵ (Rodis-Lewis, 1975, p. 15).

2. Uma monumental teoria metafísica é erigida por Platão, com fundamento no simbolismo derivado do domínio da visão – uma tendência do espírito grego em usar imagens sensíveis para apreender o invisível – para celebrar uma experiência excelsa, a do conhecimento que abraça sinoticamente o ser transcendente, absoluto, o ato filosófico por excelência. Urdida com belas analogias, a experiência filosófica platônica traduz, mais do que o parentesco natural entre a visão física e a intelectual, a real potencialidade de invocação psicológica, poética, religiosa, de que é dotada, da mesma ordem da experiência dos Mistérios.

É pelo extremo esforço (*ponos*) de transformação de atitudes habituais no contexto da existência cotidiana, voltando-se reflexivamente para além da aparência vã que ilude os sentidos, que o espírito alcança em planos mais altos, na dimensão do supraceleste, a vida própria aos deuses: a fruição da ciência perfeita das coisas em si mesmas puras, aquelas que jamais nasceram e que nunca morrerão (247e). De acordo com o mito, fora do espaço e do tempo presente, há vida anterior e posterior, onde se colhe e se recupera o saber autêntico ora perdido. Por um exaustivo e diligente exercício das faculdades intelectuais da aprendizagem e da memória, a alma converge ao mundo invisível (*aeides*) e cinge o âmago do verdadeiro Ser. Por essa longa viagem (*poreia*), a alma vence as insidias do devir, se metamorfoseia e se purifica: ascendendo vertiginosamente à ordem mais elevada, exterior ao céu, quando (re)vê o incomparável espetáculo das Essências, desperta-se do sono do esquecimento:

As almas daqueles que chamamos imortais, logo que atingem a abóbada celeste aí se mantêm; são impelidos por um movimento circular e podem então contemplar tudo o que, fora dessa abóbada, abarca o Universo (*Fedro*, 247b-c).

Platão insufla, livremente, um espírito novo na tradição mística, ao retemperar elementos latentes fundamentais com uma exigência de pureza da alma a ser alcançada a partir do rompimento dos próprios limites, pelas infinitas tentativas de retorno à pátria distante. Suas imensas fronteiras constituem o paradigma de uma ordem perfeita a ser reproduzida internamente, mediante visões cada vez mais aproximadas, numa celebração do que é prodigioso e onipotente, numa iniciação filosófica que a faz renascer para uma outra vida:

O pensamento de um Deus nutre-se de inteligência e de ciências puras. O mesmo se dá com todas as almas que procuram o alimen-

to que lhe convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, chega a conhecer as essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior das felicidades (*Fedro*, 247d).

Fonte hierática de todo conhecimento, os seres essenciais, imóveis, inabalaáveis e solenes no pedestal que ocupam desde sempre, são eternamente iguais a si mesmos. Na feliz integridade de sua natureza, a Justiça, a Temperança, a Beleza não tiveram começo, nem estão sujeitas ao crescimento e a consumação: incolores, sem forma (*aiskhematistos*), emanam permanentemente uma luz pura e claríssima como a de uma estrela (247c-e). Atraem para o dorso do céu, onde pára o movimento de nosso mundo, os olhos enamorados e nostálgicos da alma, buscando conseguir, no sítio apropriado, o néctar e a ambrosia que a memória precisa para refletir e se recordar. A experiência iniciática, a *theoria*, o acesso ao princípio inspirador supremo ao fim da viagem, é súbita, um misto de racionalidade e êxtase religioso⁶. Na Carta VII, Platão usa o advérbio *exaiphnes* (brilho repentino semelhante ao de uma estrela) para referir-se a iluminação instantânea que surge após uma longa e gradual convivência com níveis mais altos de abstração. Mediante um vigoroso e ininterrupto exercício, preparação imprescindível do pensamento discursivo (*dianoia*) nos degraus propedêuticos, na ascensão final (*pros telos*) a alma dá, subitamente, o salto para o que é radioso e inefável pela intuição (*noesis*), órgão eternamente afim à luz, quando obtém a visão extática⁷:

Do contato intensificado e convivência com o assunto, algo (a verdade) surge de repente (*exaiphnes*) como a luz que jorra do fogo e cresce na alma, em seguida, por si mesmo (*Fedro*, 341c-d).

3. Se o ato verdadeiramente filosófico – aquele que abarca por uma luz súbita as grandes Formas imutáveis e incorruptíveis – não está circunscrito à *dianoia*, mas depende preponderantemente da capacidade de ver da alma (o *nous*), como transpor em caracteres escritos, integralmente, sob a forma de um tratado sistemático, escolar, essas verdades inefáveis e primeiras? Alcançados ao fim de fecundas discussões entre o mistagogo e o discípulo, repentinamente, após uma comunidade de vida (341d: *ek polles synousias*), os princípios supremos da realidade (341a: *peri physeos akra kai prota*) somente poderiam ser expressos nos Diálogos de modo insuficiente e fragmentário⁸? Sem dúvida, Platão recorre, infinitas vezes, nos momentos de inebriante inspiração, a belíssimas imagens pictóricas para falar daquilo que exigiria longos e divinos discursos, de modo mais breve e

humano, dizendo obliquamente ao que se assemelha (246a). A forma simbólica não se reduz a um mero recurso literário, efetua uma operação autenticamente iniciática ao dizer aquilo que o *logos* não consegue expor de maneira direta, através da genialidade da imaginação mítica. À luz do arcaico, Platão aglutina fragmentos doutrinários, temas mitológicos, religiosos, cosmológicos, afirmando indiretamente o extraordinário poder sugestivo da linguagem figurada, sua capacidade plástica de maravilhar e fazer ver, de educar a alma pela viagem mítica, erguendo-a para o local supraceleste ainda que seja para uma visita fugaz, para colher a ambrosia tão ardentemente desejada.

De metáfora em metáfora, Platão teceu com grande clareza, uma primeira formulação para o que é, por sua graduação ontológica, de natureza inefável. Ainda que difícil, não é impossível ao escritor exprimir a realidade essencialmente espiritual da alma situada, tal como o divino e as Formas puras, fora do alcance da experiência humana: gozar de um pensamento ilimitado é privilégio dos deuses (*Sof.* 232e). Para torná-la mais sensível, recorre então a termos de comparação que têm estreita correspondência num importante fenômeno religioso da vida helênica. Apoiadas numa linguagem mitológica e teológica, as fantásticas descrições platônicas têm o poder de desencadear no leitor antigo – que teria sido, provavelmente, um iniciado nas cerimônias místicas – íntimas ressonâncias: lendo essas passagens rememora com facilidade as fortes emoções entusiasmáticas, transcendentais, anteriormente vivenciadas, e a luz do que é incorpóreo e imortal volta a iluminar sua existência. Mas, mesmo para o leitor moderno, que não possui uma vivência pessoal do que efetivamente representam, a narrativa mítica do *Fedro* não pode ser assimilável sem dificuldade? As belas imagens das quais Platão se vale não perderam sua máxima virtude, a fortíssima capacidade de sugerir, pela evocação da lembrança de algo anteriormente vivido – ainda que fugaz como uma faísca – a sensação do já conhecido (Marignac, 1951, p. 125-7).

Escrito na vertigem do encantamento verbal, com a leveza da ironia, esse texto em que Platão esboça a essência de seu projeto teológico, aponta a trajetória a ser percorrida pelo espírito para que possa sobrepujar o peso da existência corpórea, recobrar suas asas e, quiçá, conseguir também compor obras que arrebatem, psicologicamente, ao plano do transcendente, outras almas de boa natureza. Para reavivar-lhes as reminiscências da viagem ultraterrena e de sua comoção diante das coisas supremas, Platão esforçou-se por adequar – quando sutilmente toca sua natureza última – o não-dizível ao dizível mediante conjecturas visuais nítidas, de modo a facilitar a evocação das impressões invisíveis, depositadas no lugar mais fundo da memória⁹. A articulação dessas aspirações infinitas

os finitos das possibilidades da escritura, incitaria naqueles que “sabem ler”, o vôo para além da existência ordinária; e, conduzindo-os assim, para a longínqua extensão da planura uniforme onde a luz da Verdade se espalha e se difunde sem obstáculos, é possível que, de algum modo, por uma fulguração repentina, eles consigam também reaver um bem perdido.

2. O livro como metáfora

1. A narrativa de caráter verossímil do *Fedro*, transbordante de um lírico misticismo, fala dos tempos originários quando as almas humanas e as dos deuses, alojadas num domínio aquém do firmamento, bem abaixo à região transcendente das Formas absolutas (247a), alimentavam suas asas de néctar e de ambrosia fruídos vividamente daquelas brilhantes aparições. Viajando em suas carruagens aladas até a cúpula celeste, eram então transportadas pelas revoluções siderais circulares para onde, com a cabeça erguida, pudessem vislumbrar a beleza plena dos seres supremos. As almas dos deuses, por serem perfeitas, tinham total capacidade de apreendê-las em sua exuberância, através de uma visão clara e permanente da qual somente o intelecto é capaz. E é por isso mesmo que encabeçavam os cortejos celestes, aos quais juntavam-se todas aquelas almas que, apesar de sua natural imperfeição, aspirassem também (umas com mais intensidade que as outras) elevar-se às culminâncias da luz e, por uma espécie de comoção religiosa, contemplar a Verdade. Se, porém, as evoluções dos deuses eram perfeitas, facilmente executadas, sem resistências ou desvios, as das almas humanas, menos aptas à transcendência, eram desiguais e dificultosas. Por vezes, a fantástica agitação dos cavalos que as compõem – duas naturezas inteiramente opostas atreladas juntas, a indocilidade e a impulsividade à moderação e à obediência – fazia com que os cocheiros perdessem o controle dos carros, que chocando-se, perdiam as asas e projetavam-se nas profundezas do céu.

Após a queda, mergulhadas na matéria de um corpo de terra, esquecidas do saber adquirido na vida preempírica, apenas incessantes exercícios na dialética que é verdadeiramente filosófica, poderão fazer com que as almas reproduzam, a partir de seus movimentos característicos ascendentes e descendentes, o curso alado desenvolvido junto com os deuses. Essa pura atividade intelectual desperta a memória de tudo que está primitivamente gravado nelas, impulsionando-as a empreender sucessivas incursões para, de degrau em degrau, retornar à antiga pátria celeste e, em êxtase, impregnar-se novamente com o espetáculo das Formas divinas.

As *psykhai* têm, por natureza, disposição para gravar e conservar traços das impressões (*soteria tes aistheseos*) recolhidas no tempo paradigmático, antes de sua descida ao ciclo das gerações: toda alma decaída, por esse seu modo particular de ser, assemelhado a uma plaqueta de cera maleável (*Teet.* 191a), constituiu-se em suporte dessa escrita primordial – mais legíveis em umas do que em outras, de acordo com as visões tidas então – podendo por isso mesmo ser comparada a um livro (*File.* 38e-40a: *he psykhe biblio tini proseoikenai*)¹⁰. Encontra-se gravado em cada uma delas, em caráter permanente, vestígios dos fundamentos de uma verdadeira teologia, que a atividade filosófica contínua pode fazer aflorar em sua superfície delicada e flexível.

Dialético excelente, dotado da genuína arte da eloquência, Platão soube transpor em sua obra, como convicções pessoais profundas e essenciais, essa infinidade de impressões supraterras retidas em sua alma alada de verdadeiro poeta. As exposições que faz em planos hierarquizantes, cujos níveis mais altos a linguagem mal consegue expressar, obedecem a um especial desígnio: mais que um *hypomneseos pharmakon* (276d-e, notas redigidas para suprir esquecimentos ocasionados pela velhice), ou que a mera ilustração da palavra oral, viva (na tentativa de conservar a verdade que ela contém (Joly, 1974, p. 123), os textos dos Diálogos buscariam reproduzir com verossimilhança essa sabedoria originária inata, inscrita no *biblion* interior¹¹, aberto diante dos olhos do filósofo, com toda magnificência, pela *anamnesis*.

2. Dado o caráter quase indizível dessa matriz eterna, secreta, um texto singular calcado sobre a verdade das “coisas que são” (*ta onta*) e inscrito em sua alma, Platão o enunciará por uma rede de alusões de natureza pictórica – multiformes figurações de tonalidades variadas e harmoniosas (*Fedro* 277e: *poikilous kai panarmonious*)¹² – que cintilam nas entrelinhas de seus textos. Regido por uma ordem de temporalidade que transcende infinitamente a da experiência histórica, o pequeno “livro” mantém-se cristalizado na estrutura de cada uma de suas obras como o tempo musical em uma partitura, a espera do intérprete privilegiado que a reponha em movimento. Avesso ao que é pesado e rígido, Platão compôs com graça quase divina, inspirado nessas reminiscências do que primitivamente pode divisar nos espaços da extraordinária Planície, essa monumental sinfonia que é o *Fedro*¹³. A iluminação dessa paisagem das origens, situada no mais remoto horizonte, sítio da sua *genesis*, facultou-nos o acesso à originalidade (em sentido forte) dessa filosofia que é suprema música (*Féd.* 61a: em sentido do amplo), em sua grandeza própria.

A clareza arquitetônica da analogia que pode ser construída entre a obra literária de Platão e o perfeito *biblion* impresso em sua profundidade mais íntima – de um lado a obra gerada, reflexo ampliado dos traços armazenados na alma e esta, inversamente, matriz de seus escritos em “tamanho reduzido” (*Rep.* 368d) – evidencia a estreita correspondência entre o caráter gráfico dado à sua filosofia e modelo eidético que ela reproduz. Essa bilateralidade faculta, por sua pertinência, um contato mais pleno do leitor (face a “ausência de uma vista mais penetrante” [*Rep.* 368e]) com os diminutos caracteres que compõem o “livro” de Platão, nos quais está contido o espírito que os concebeu e que os anima¹⁴. A arte da decifração do que está sob a trama dos sinais negros transcritos sob o fundo branco do papel, propicia-lhe o acesso ao âmago dos Diálogos. Pois, uma vez fixados na escrita, tornou-se possível ler e reler indefinidamente esse pequeno “livro”, recompondo-o, assimilando-o, revalorizando assim o gesto gráfico platônico em favor da epifania de seu passado primordial e divino que é também, universalmente, o de todos os homens. Desde então, muito mais de mil olhos o perscrutaram e, quem sabe, tenham de alguma coisa se recordado.

3. A trajetória psicagógica do “livro” platônico: *palin ex arkhes*

1. Os textos de Platão, escritos num espaço de quase cinqüenta anos, alimentaram-se dos belíssimos espetáculos contemplados na mítica pradaria, onde foi, ele mesmo, iniciado nos mistérios do mundo. Numa fusão magnífica, criou pouco a pouco, um dinâmico e complexo corpo de Idéias, pois, em torno de cada um daqueles seres verdadeiros (*ton alethon*) lá vislumbrados – à semelhança do pequeno sistema que se forma ao redor dos deuses-astros, tomados como centro de coesão pelas almas menos perfeitas – aglutina metodicamente um vasto cortejo de concepções. E é dessa relação de parentesco, simbiótica, que elas extraem seu estatuto ontológico e programático, delimitando liminarmente o grande e ainda mal definido âmbito do que é filosófico. Uma vez associados aos prestígios de uma arte que é a verdadeira retórica – conhecedora da natureza de todas as almas e de seus variados graus de entendimento – esses textos deverão atuar psicagogicamente (271a) como antidoto eficaz contra o presente esquecimento daquelas idealidades transcendentais.

Não sendo tábula rasa, por natureza, conforme o decreto de Adrastéia (248c), as *psykhai* possuem, todas elas, alguma reminiscência das realidades verdadeiramente absolutas, desde que pertenceram necessariamente a companhia de algum deus.

Por isso, os textos de Platão são compostos de maneira a evocar na alma do leitor, antigos vestígios daquele esplêndido convívio de que falam nostalgicamente. Suas mãos talentosas depositam em livro, palavras de grande possibilidade poética, que cumprem seu ofício de dar corpo a realidades primordiais difíceis de exprimir e que não só granjeiam a adesão do leitor, como provocam uma revolução profunda que o arranca da leitura linear, impulsionando-o à verticalidade. E, ao ocasionar-lhes essa reviravolta tão íntima e total – da qual se fala demoradamente na *República* (*periagoge oles tes psykhes*¹⁵), cumprem seu avatar pedagógico.

Tecidos na extremamente móvel mas homogênea linguagem do simbólico, os Diálogos exercerão sua vigorosa *paideia* de cunho iniciático, destinada a propiciar a conversão para o que é luminoso e eterno, para que possam os leitores também, na medida de sua formação gradativa associada a uma boa natureza, recordar-se por si mesmos, de súbito, algo que estava bem longe, no Passado, do qual não mais tinham memória:

Iniciados nos mistérios a que podemos chamar de divinos, nós celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições que nos atingiram no curso ulterior do tempo. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade, eram as aparições que a iniciação revelava ao nosso olhar, no meio de uma pura e clara luz (*Fedro*, 250c-d).

2. O clima singularmente religioso sob o qual a conversão plena da alma para a luz deverá ocorrer¹⁶, jamais poderia ser criado pela mera audição de um discurso inconsistente e ímpio como o *erotikos* redigido por Lísias, acusando o amor de desviar os jovens da divina Filosofia (*Fedro* 228a-239b). Os espaços encantadores das cercanias de Atenas substituem, no *Fedro*, o círculo habitual dos interlocutores em outros Diálogos e constituem um sucedâneo belamente sensível do esplendor reinante na Planície da Verdade. É sob a magia desse lugar, e com o concurso da visão de um corpo ou um rosto de aspecto divino como o de jovem *Fedro* que a alma, intimamente perturbada, inicia-se na mais sagrada das revelações, o mistério perfeito da suprema Beleza. Diante desse vestígio visível da plenitude invisível, é acometida por uma espécie de *mania* avassaladora, de inspiração divina, o amor, que a aturde e a faz comportar-se com estranheza:

Quando contempla o seu amor, apodera-se do amante uma crise semelhante à febre, modificam-se-lhe os traços do rosto, o suor aparece em sua frente e um calor não conhecido corre pelas suas veias (*Fedro*, 251a).

Sob o calor intenso emanado das aparições da beleza no plano sensível, a crosta rígida que recobria até então a alma impedindo-a de germinar e de se desenvolver, começa agora a se dissolver, narra Platão com a familiaridade de quem vivenciou particularmente as nuances de todo esse processo multiforme¹⁷: ela ferve, fermenta, palpita, como quando estão para nascer os dentes de uma criança. Uma vez possuída pelo impulso erótico, em delírio, volta o olhar para o alto onde se acumula todo seu passado, impaciente para voar como uma ave que acabou de ganhar asas e recuperar assim, no céu das formas puras, a comunidade (*kekoinoneke*) que possuía outrora com o divino. É então que, por estar tocada, em uma ínfima parcela de tempo brota a reminiscência de quando a Beleza foi contemplada em seu pedestal e era visível, irradiando uma luz intensa e magnífica (250a):

Um homem assim afasta-se dos interesses humanos e dirige seu espírito para os objetos divinos, embora a multidão o considere louco, sem perceber que nele habita a divindade (*Fedro*, 249d).

Diante do amor, cada alma reagirá de conformidade com o caráter do deus excelso ao qual acompanha alegremente, em falange, em suas circunvoluções excelentes em maior grau. A do filósofo, por ser seguidora da majestosa figura de Zeus – “o grande condutor do céu anda no seu carro alado a dar ordens e a cuidar de tudo” (246e) – comporta-se com maior dignidade e entusiasmo, dedicando-se inteiramente à pura atividade contemplativa:

Um companheiro de Zeus é capaz de suportar mais facilmente a perturbação causada pelo deus alado (*Fedro*, 252b).

Ao recobrar suas asas, apaixonada, absorta, indiferente ao mundo lá de baixo, procura, de imediato, acercar-se do esplendor irresistível daquela Forma que é claramente visível e formosa acima de tudo (250e):

Quanto à beleza – já te disse – ela brilhava entre todas aquelas Idéias Puras e na nossa estada na terra, ela ainda ofusca, como seu brilho, todas as outras coisas (*Fedro*, 250e).

3. A loucura filosófica, dom da sabedoria divina, é a mais elevada condição outorgada ao homem pelos deuses, para seu maior bem (245a). Sob um tal *pathos*, insólito, repentino e salutar, faísca a chama genial, produtora de toda poesia e filosofia autênticas, de toda *paideia* genuína, que livra a alma de suas lembranças

partidas e incompletas¹⁸. É envolta por essa poderosíssima aura alante que põe-na fora de si e, portanto, do que é imediato e corpóreo, que ela passa a exercer o poder infinito da criação no Belo (*Ban. 209e: he genesis kai o tokos en to kalo*).

A força erótica é motriz, geradora, nutritiva, faz conceber radiosas intuições que se transformam em inflamados discursos. E, ao serem transmitidos mediante riquíssimas imagens, cujo ser é extraído da poesia, plasmam um arrebatador espetáculo textual, desencadeando em nossa imaginação um estado de êxtase similar ao de *Fedro*, quando ouvia de Sócrates o elogio ao verdadeiro amor. Com uma imitação sem defeito do discurso desse perfeito amante, que com sua retórica era capaz de persuadir os próprios deuses, Platão nos dá também, com a própria obra, vívida notícia do Belo, altíssima essencialidade já presenciada em eras recuadas.

Fortemente afetado pela divina embriaguez – ou será que Platão era apenas dotado de uma poderosa imaginação poética e religiosa que lhe permitia uma plena compreensão do significado do entusiasmo místico? (Cornford, 1975, p. 139) –, compõe discursos que, por si só, falam dos benefícios desse *pathos* extasiante. Ao apoderar-se de sua alma, transfigura-lhe o caráter normalmente sóbrio, afeito ao pensamento lógico, ao raciocínio estrito e rigoroso das demonstrações matemáticas (Schuhl, 1971, p. 5). É assim que o *Fedro*, uma das suas mais belas invenções, irrompe à luz com a exuberante arquitetura de seus temas maiores – a alma, o amor, as idéias, a beleza, a retórica – composta à semelhança da harmoniosa polifonia de um contraponto. Como quem está sob o efeito de um delírio entusiástico e atua em conseqüência, Platão faz-se, então, mitólogo, poeta de Eros, inspirado pelas Ninfas. Com uma eloqüência inebriante, muito superior a sobriedade racional defendida por Lísias – que vê no amor uma força puramente física, possessiva e perigosa porque arrasta ao prazer desmedido, cobre a superfície do pergaminho com esse discurso genuinamente filosófico. E por conhecer com exatidão o que é a alma, qual a sua essência, qualidades e atributos, consegue, assim, arrebatá-la para além dos espaços urbanos e conduzi-la (*psykagogein*) à visualização da fonte originária (*ek arkhes*), onde aspirações metafísicas insatisfeitas poderão obter, uma dia, a saciedade.

Parte II

1. Afinidades eletivas

1. O ponto de partida da investigação filosófica do *Fedro*, põe como questão máxima o enigmático e antiquíssimo oráculo de Delfos que vaticina sobre a

prioridade para o homem de buscar o autoconhecimento (229e: *gnomai emauton*). Não seria risível ocupar-se da indagação de coisas outras estando na mais completa ignorância de si próprio? Para compreender a significação cifrada dessas palavras augurais é preciso transpor o umbral do simbólico com um olhar inteligente¹⁹. No *Alcibiades*, Platão indaga sobre esse “obscuro dizer” direcionando-o ao que considera o seu ser em si, a alma (129b: *auto tauto*; 132c: *to auto*). O mandamento de Apolo, deus délfico, inspirador de toda sabedoria, permite aos homens, ao procurarem decifrar o sentido último da senda insinuada, aguçar a precisão intelectual e o sentido crítico. Com sua arte refinada, Platão explora a parte mais pura e luminosa da alma, na qual reside sua faculdade característica, a inteligência (133d), onde descobre o pulsar de “um deus e um pensamento” (133c: *theon te kai phronesin*): conhecer a si mesmo não é perceber sua semelhança com a divindade? A exposição que fará na palinódia reparadora do *Fedro*, ainda que não possa ser longa e divina em todos os sentidos como exige a complexidade da natureza da alma, pelo ardente e divino ímpeto amoroso que inspira o longo monólogo socrático, embora humana e de menores proporções, será grandiosa e feliz (244a).

A grande fábula criada para buscar a “idéia” de alma (246a: *peri de tes ideas autes*), um complexo polisêmico labiríntico, onde todos os temas acabam se cruzando, fornece indicações do rumo escatológico que toma a narrativa. Platão associa a sua extrema acuidade psicológica uma fantástica imaginação criadora – utiliza-se também de elementos da filosofia de Pitágoras e de Empédocles com grande liberdade, nessa palinódia anunciada como um *katharmos* (243a), embora o nome de nenhum deles seja explicitamente mencionado (Ebert, 1993) – para falar do que é arquetípico. Por meio de imagens cuja virtude própria é trazer à presença – e quanto mais belas, mais forte é essa presença²⁰ – narra o que foi “visto” (*idein*) originariamente pela alma no tempo préempírico, em companhia dos deuses e o destino imortal e feliz que essa convivência pode proporcionar. E é nessa enigmática atmosfera do que é anterior e soteriológico que o fundamento de todo autoconhecimento pode ser encontrado: a longa viagem (*poreia*) reflexiva para a vida *exo ton ouranon* (247e) empreendida pela alma por força do mito, propicia a evasão de seu exílio nos espaços sensíveis da *polis* onde jaz prisioneira das ambigüidades da *doxa*, apartada do mundo epistemático das coisas que são, esquecida de si mesma, de seu modo de ser semelhante ao divino: retorna, então, liberta, as instâncias áureas de sua antiga pátria.

2. Escrevendo alegoricamente sobre realidades que tem como absolutamente verdadeiras, Platão esboça uma teologia poética e sã, cujo fundamento é a afinidade (*syngeneis*) ontológica, existente entre a alma, o seu si mesmo, princípio

de seus atos e o deus de sua escolha (*eklegetai*)²¹; e, também, a afinidade de suas faculdades intelectuais de aprendizagem e de memória, com as Formas divinas (252c: *theoeides*), “em virtude das quais um deus é um ser divino” (249e). Vivendo lado a lado com esses seres com os quais tem semelhança, a alma as alcança com seu auto-movimento, pois possui uma claridade interior que brota de seu próprio centro (do órgão intelectual que a governa, o *nous*), tornando-a capaz de conhecimento “teorético”. É porque ela vê as essências, em si mesmas, de dentro, tacitamente, de modo reflexivo, numa pesquisa feliz (*euporeia*), em atendimento à palavra délfica, que se pode dizer que a alma tem parte (*metaskhein*) no divino (253a).

Assistematicamente esboçada nesse mito, a teologia sugerida por Platão contrapõe-se frontalmente ao preceito tradicional da religião oficial, que estabelece o autoconhecimento como forma de advertência da finitude e das limitações da condição humana. A busca platônica do conhecimento de si pode ser identificada a *anamnesis* de todo seu passado primordial, prazerosamente vivido entre os deuses, quando a alma procurava imitá-los em seus vôos celestes. Uma vez recuperada a memória dessa afinidade, retomará metodicamente essa aspiração de ser, em tudo, semelhante (*eikazein*) a eles, desenvolvendo ao máximo sua excelência ontológica, para metamorfosear-se naquilo que por essência é (*idea*), um ser divino²²:

É somente fazendo bom uso dessas recordações que o homem torna-se verdadeiramente perfeito, podendo receber em grau ótimo as consagrações dos mistérios (*Fedro*, 249c-d)²³.

É sob o modelo dessa teologia que articula de maneira nova e elevadíssima potências dominantes no pensamento religioso mais antigo, que Platão delineou os traços essenciais do perfil inconfundível de sua *paideia* enquanto arte verdadeiramente condutora de almas. Na tarefa catártica de desvelar um saber que as liberta dos invólucros deletérios do esquecimento e propicia-lhes uma igualdade com os deuses (*isotheismo*), são ambas interdependentes e complementares.

A árdua *askesis* desenvolvida por um competente *psykhopompos*, nas especulações metafísicas dos Diálogos, é eficaz na purificação das almas pelo conhecimento do que é em si mesmo puro. É uma *tekhné* de salvação das que são menos perfeitas, que por imperícia em suas circunvoluções siderais em outro tempo, perderam as asas e caíram para a terra. Por oposição as dos deuses, cuja memória permanece desde sempre inalterada e sempre fixa na fulguração dos divinos ob-

jetos (249c), essas almas, uma vez presas aos laços do sensível, não mais se recordam do que anteriormente viram da verdade. A ascensão gradativa à impalpável Planície é uma viagem escatológica: aguça-lhes a capacidade automotora (245c-d) e de autorealização, enquanto são essencialmente inteligência pura, para o reencontro final com os deuses e com o princípio pelo qual também são belas, o Belo em si, coroamento de um ato de reminiscência. A *anamnesis* conduzida conforme o ritual requerido, lentamente e por degraus, resulta para cada um na redescoberta de si mesmo, do nexos perdido da própria história, impressa em seu “livro” interior, cuja capacidade de armazenar grandeza o faz receptáculo de um inesgotável tesouro de sentidos, cuja apreensão permite o triunfo sobre o tempo e sobre a morte.

É pela vocação escatológica de sua *paideia*, exatamente, que Platão cultivou a escrita, empenhando-se em transcrever em *biblioi*, as vivas lições de método recebidas na excelente iniciação que restituiu asas a seu espírito de neófito, sedento de transcendência. Teria deixado escapar o essencial do convívio (*synousia*) erótico com Sócrates, se não houvesse perpetuado numa obra escrita (*syngramma*) essas inspiradas conversas. A incontrolável chama do eternamente irrealizado desejo de sabedoria, que na pedagogia demoníaca significa busca incessante de uma cognição de ordem metafísica, impulsionou-os à incomensuráveis distâncias. A urgência da paixão pelo conhecer leva a *psykhe* a remeter-se reflexivamente para além das bordas da existência ordinária e à rememoração de sua pré-história, transformando esse conhecimento em algo novo. O ato de abstração que a eleva além da linguagem e do pensamento comuns, colhe acima da vulgaridade do transitório os emblemas do discurso legitimamente filosófico.

Entre o caminho mais curto e o mais longo, Sócrates sempre optou cautelosamente pelo segundo, multiplicando a sucessão de circuitos da discussão para elevá-la a esferas cada vez mais próximas das realidades incorpóreas. Exercita o raciocínio sobre as pequenas coisas, preparando-o para a conquista das grandes: nos Diálogos, onde busca reproduzir as lições recebidas – aprender é despertar em si lembranças entravadas, entorpecidas, rememorando o que já sabe (*Men.* 80c) – Platão reativa toda a matéria referente a sua existência préempírica. Traz à luz, em tamanho aumentado (recorrendo uma vez mais a analogia das grandes e pequenas letras), os diminutos e profundos sinais, impressos em sua maleável “massa” psíquica, da visão primordial das Formas, que somente uma *paideia* como a do venerabilíssimo Sócrates tem o poder de reavivar. Valendo-se dessa originária e eletiva afinidade existente entre o mestre e seu discípulo, sua exemplar pedagogia desencadeia, dentro das margens da teologia, a recordação reveladora

de um passado primordial comum, que restitui-lhe o pleno conhecimento de si e faz dele um autêntico filósofo.

É então que, sob o influxo desse *pathos* que é tão comovedor quanto a poesia, tão eloqüente quanto um belo discurso, tão venerável quanto um princípio religioso (Schaerer, 1930, p. 142), a *aphrosyne* – a prisão nos limites da sobriedade o incapacitaria a esses altíssimos vôos – Platão consegue abarcar as múltiplas intuições, fruídas nas conversações com o grande *daimon* mediador entre deuses e homens, Sócrates, em brilhantes visões de conjunto (*synopsis*), as suas obras, que tal como as múltiplas cores do espectro solar, fundem-se em uma só luz, o Belo.

2. O “livro” e os livros: o tributo platônico à escritura

1. Ainda que os belos discursos filosóficos de Platão se quisessem falados por princípio – a escritura é condenada por sua incapacidade de dar assistência a si mesma – na medida em que triunfou, ele escreve abundantemente até para apontar, por escrito, suas insuficiências (275e-276a). Para isso foi preciso, no entanto, que postulasse o gesto violento contra a tese do pai (*to patriko logo*), defensor incondicional da oralidade. Para Sócrates, a voz é suficiente e tem a máxima soberaneidade. A escritura platônica, ao instaurar-se a partir de sua morte, só pode ter nascido de rupturas e perdas (Derrida, 1992, p. 15). No *Sofista*, Platão penitencia-se da subversão contra o dito do pai Parmênides (214a: *ton tou pathros Parmenidou logon*) sobre a inexistência do não-ser, para que a ciência se tornasse possível. Parricida já se torna entretanto, muito antes, ao abandonar a tese socrática, reduzindo a *phone* ao *logos*: toda escritura filosófica é, em si mesma, sob esse aspecto, *patroktonia*. E, embora não seja inocente, paradoxalmente (enquanto *pharmakon*) é o ato da escritura que salva Sócrates, antes que, tendo o veneno calado para sempre sua voz, a história o registrasse apenas como “o obscuro mestre de Platão que nada quis escrever” (Wolff, 1987, p. 89); é esse ato que lhe permite dialogar hoje, para além da ágora ateniense, com os cidadãos de todas as ágoras.

Platão tornou-se também pai de belos filhos (*kallipaida*, 261a), bem nascidos e de boa raça (*gennaia*), nos legando um tesouro de lembranças (*hypomnemata*), um rastro (*ikhnos*) a quem quiser segui-lo em sua busca da verdade (276d-277a). No cerne de cada uma dessas fecundantes *spermai* que deu origem a tão nobres criaturas, está inscrito o “pequeno livro”, a memória do pri-

mordial. Cumprem, como todo discurso que se quer perfeito, a exigência fundamental, iniciando seu delírio poético pelo começo (260a), apreendido num lampejo de intuições²⁴. É bem por isso, que a rede narrativa tecida no grande tear da imagens tem força suficiente para gerar no leitor de boa natureza o ato de memória que faz brotar, do fundo de si mesmo, as reminiscências impressas em sua alma, das verdades contempladas no início dos tempos²⁵.

2. Os efeitos da tarefa educativa do vasto sistema metafórico que a imaginação criativa de Platão urdiu, tem como pano de fundo permanente essa fantástica história comum a todos os homens. A partir de tão profundas raízes no tempo primordial, consegue estabelecer forte conjugação com o leitor, condição primeira para o trabalho infinito (*Rep.* 531d: *panpoly ergon*) de preparação da alma ao vislumbre, nos espaços siderais, das realidades como elas são (247e-248a). Para ilustrar a potencialidade dessa força amorosa que constitui o cerne da genuína psicagogia socrática, um paralelo se propõe e se fundamenta muito bem: se toda alma já contemplou, numa antigüidade feliz, tais seres em seu eterno esplendor e deles guarda nostálgica familiaridade, há também entre Platão e seus leitores, afinidades eletivas, um parentesco de natureza verdadeiramente divino, ao qual sua *paideia* faz apelo. Como na procissão celeste descrita na palinódia – o exército das deidades segue o grande condutor Zeus, filósofo e chefe, elas mesmas acompanhadas pelas almas que lhes são afins (252d-e) – Platão avança em primeiro lugar numa entusiástica e veloz corrida para o divino, seguido nesses vôos de sua elevadíssima arte, por todos aqueles que com ele têm parentesco.

A exemplo de Zeus, deus antiquíssimo que em sua grandeza única tudo abarca, Platão que o segue e adora, aspira que seu exército de seguidores seja também de amantes da sabedoria. E que cada um ocupando seu próprio lugar – as divindades individuais longe de serem meros instrumentos da vontade suprema podem receber de Zeus encargos especiais (Otto, 1978, p. 93) – movido pela força audaz da insatisfação amorosa, possa subir com facilidade as ladeiras íngremes que conduzem ao Hiperourânio. Se seus cavalos forem dóceis e executarem suas evoluções em harmoniosa correspondência com os perfeitos movimentos da dialética platônica nos espaços imensos do Inteligível, serão reabertos os arquivos da memória. E, não havendo memória sem traços, impresso nela está muito mais do que a fantasia literária de alguém (ainda que fosse um Platão com seu abundante talento de filósofo, teólogo e poeta) poderia imaginar, por si só, sem o influxo da inspiração divina. Ler um livro não é decifrar em suas páginas, sinais, *logoi* (e não coisas) que estão já gravados em nós? Diante das Formas absolutas, num movimento de refle-

xão sobre si mesma, a alma desenrola – os *papyroi* estão enrolados sobre si mesmos para constituir um *biblion* – o vasto vocabulário universal nela reproduzido, para compor também discursos filosóficos permeados por essa extraordinária inteligibilidade alcançada além das fronteiras de todos os tempos.

3. As incursões metafísicas empreendidas pelos dois amantes (*erastes*) da perfeição dos belos discursos filosóficos, com uma graça semelhante a das evoluções dos deuses, Sócrates e Platão trazem à luz conteúdos infinitamente antigos gravados no pequeno “livro”, na *psykhe*, dos quais a obra platônica é uma encantadora imagem. A miniatura, segundo G. Bachelard (Bachelard, 1989, p. 157 e ss.), por suas virtudes dinâmicas, é um verdadeiro ovo filosófico; nela, os valores se condensam e se enriquecem tornando mais nítido o que há de grande no pequeno: o poder desse centro dinamizado é de flexibilizar a inteligência, impedir que ela se imobilize, ativando nela valores profundos de modo que, ao se deparar com uma imagem primitiva deixa-se arrebatar para longe, de regresso ao núcleo do grande passado (Bachelard, 1989, p. 157s). A estranheza fascinante causada pela aparição do que é originário faz nascer da lira do poeta-filósofo a mais alta música: é então que o que ainda não era vem a ser, um vasto cortejo de duas mil páginas que conservará para sempre a luz refletida por aquele passado.

A chama descomunal que brilha nos livros platônicos, estimula-nos a uma conversão plena para esse “livro” primordial, onde estão contidas as bases determinantes de toda a tradição propriamente filosófica do Ocidente. Se toda civilização está fundamentada numa espécie de “livro” cultural onde armazena informações para reutilizá-las novamente, diz Havelock (Havelock, 1996, p. II), o da cultura grega antes de Homero estava depositado na memória oral e, a partir do uso do alfabeto, sofreu radicais transformações (id. ib.). Platão, por estar vivendo no centro dessa revolução – no ponto exato de confluência das civilizações da memória e da escritura – antecipou-se, tornando-se profeta de uma nova era mental (id. ib.). Os seus livros, onde se processa a transição de uma cultura para a outra, têm atravessado imutáveis em sua verdade – tal como as Essências a que se referem e se confundem – a degradação do tempo, os redemoinhos da história. Constituem, por sua vitalidade e permanência, a mais bela homenagem que um discípulo, sob a irrefreável *mania* inspirada por Eros, poderia render a seu mestre: valendo-se da era do livro, imita-o em sua grandiosa tarefa de exortar, através de um discurso que preserva as marcas da oralidade, mais e mais espíritos a consagrar sua vida ao amor regrado pela filosofia, a tirar partido das reminiscências do mais longínquo dos recomeços, para conhecer a si mesmo e seu destino imortal.

3. Platão e seus pósteros

1. Por uma alta sensibilidade à importância da posteridade, Platão registra na inconfundível forma de seu discurso em prosa (*syngramma*), o “livro” inédito inscrito em sua alma com grande beleza, para oferecê-lo em espetáculo a seus leitores, a salvo do esquecimento. Na mesma linha do socratismo, buscou em níveis profundos e primordiais a decifração de si mesmo, e chegou a alcançar um conhecimento da verdadeira natureza da alma, uma dimensão diferente dessa que é mostrada em sua condição atual (*Rep.* X, 611b-e). Em caracteres conjecturais, na mais pura tonalidade do verossímil, conforme postulam narrativas sobre tempos longínquos e legendários, estabeleceu de modo inesquecível, seu parentesco (*syngenes*) com as coisas eternas e divinas, fundamento inquestionável de sua crença na imortalidade. Do centro luminoso desse microsistema apresentado na palinódia do *Fedro* como um falar por imagens, flui essa determinação do modo de ser próprio à alma, dotada do pleno dom do automovimento e da vida, numa soberania irrevogável, própria a todo ser imortal (245a).

2. Platão é o primeiro, entre os filósofos, a dar-se conta da necessidade de dar a razão do espírito em sua condição carnal e a demonstrar seu poder de triunfar sobre os entraves que o conduziriam à morte inelutável (Rodhe, 1973, p. 487s). Do *Alcibíades* às *Leis*, ocupa-se em determinar a identidade natural do homem a este ser divino que o constitui na essência. Estabelece, ontologicamente, que pelo laço indissolúvel que a alma mantém com a Vida – ela é a Vida mesma (*Féd.* 106d-107a) – só pode ser incorruptível e invulnerável ao tempo. Diz a breve e irrefutável prova estabelecida no *Fedro*, que sua imortalidade se deve à total identidade de natureza que possui com tudo que a si mesmo se move e é fonte e princípio de movimento: a alma tem sua origem e seu começo em si mesma. Ela é um desses seres de onde toda a geração procede e, conseqüentemente, sendo em si mesma inengendrada, constitui, por essência, a própria incorruptibilidade: enquanto também dotada de automovimento (245c) e incriada, por oposição as coisas que são movidas e criadas por outras que são perecíveis, a alma é imperecível e jamais deixará de viver.

Assediado intensamente por essa idéia da alma imortal, faz dela seu grande tema e, apesar de uma constante preocupação com a linguagem e suas limitações, usa da poderosa arte de escrever para celebrar a natureza transcendente do homem enraizada na esfera das realidades realmente existentes (247c: *ousia ontos ousa*), que “são” para sempre. E, ao mesmo tempo, deixa com seus livros, uma

marca imperecível nos horizontes desse mundo na medida em que, lentamente, com a alfabetização, uma maioria adquiriu condições para a leitura desses novos pensamentos, expressos nessa nova linguagem mais adequada à abstração e ao intelectualismo, organizados num material que doravante poderá ser repetidamente consultado e reutilizado (Havelock, 1996, p. II).

Uma vez impressas, as idéias de Platão materializam-se num *corpus philosophicum* de monumentais dimensões, que transcenderam os limites temporais da Grécia edênica. Ao transcrevê-las na totalidade fechada da escrita, colocou-as ao abrigo da destruição, de modo que séculos e séculos após a desaparecimento de seu autor, continuaram produzindo formidável efeito sobre seus pósteros: é uma das obras mais bem-sucedidas na história literária do Ocidente. Por oposição à sua produção oral, captável de imediato por ouvidos atentos, da qual entretanto poucos vestígios restaram, os discursos escritos não se dobraram ao fardo do tempo, fadados ao esquecimento: seguramente, todos eles, na sua integridade, chegaram até nós²⁶. É assim que as mais brilhantes intuições de Platão, aquelas que considerou oportuno consignar nos Diálogos, não permaneceram estéreis (*akarpoi*). Tornaram-se objeto de uma tal diversidade de comentários e interpretações que acabaram por determinar os movimentos da tecedura de prodigiosas proporções, que deram origem a produção filosófica hoje existente: partem dele, praticamente, todos os fios com que suas figuras maiores, os *maîtres à penser*, a têm urdido até então²⁷. O *logos alethes* de Platão, radicalmente inserido no Real, suscita a adesão de um vastíssimo número de leitores especializados que, havendo experimentado diante de sua beleza a dor da concepção (*Ban.* 150a-151c), assumiram o risco de passar da leitura à escritura: novos livros são assim indefinidamente concebidos, dando vida e presença ao platonismo, alargando sem cessar suas já imensas fronteiras. “É privilégio de uma obra de arte acarretar a adesão”, diz Mesnard (Mesnard, 1956, p. 181), “e quando esta é carregada de valor filosófico, quando por meio de uma tradição pedagógica quase contínua atravessa a consciência humana durante mais de dois milênios, essa adesão toma a forma de uma fé religiosa, vinculando-se aos tesouros consagrados de uma civilização.”

3. Neste final de milênio que foi o milênio do livro, uma indagação a respeito de seus destinos em nossa civilização tecnologizante – organizada numa dependência cada vez maior com a difusão de informações por meio de aparatos técnicos de última geração – não é irrecusável²⁸? Nos livros de Platão, profeta dessa revolução que a padronização do vocabulário do pensamento conceitual

causou, está armazenado um tesouro inesgotável de elementos fundamentais a serem reutilizados nessas reflexões. Neles está contida uma proposta para o próximo milênio, importante no sentido de que ela nos importa profundamente, por concernir a uma de nossas questões maiores (Arendt, 1993, p. 29; Lefort, s/d, p. 301)²⁹. Contra o esquecimento do espírito, ao negar reiteradamente em sua errância uma propriedade exemplar constitutiva da essência imóvel da humanidade – o antiquíssimo desejo de permanência face a inexorabilidade do tempo – a teologia platônica poderia talvez exercer uma função reparadora. Num mundo em que a expectativa de perenidade, para além da dissolução turbilhante do transitório tornou-se vazia, oferece uma visão fundamental esclarecedora das relações de parentesco do homem com a transcendência: ela propicia uma *periagogé* do espírito em direção a essa Idéia com a qual tem máxima afinidade, a Imortalidade, o que lhe permite recordar-se de sua incomensurável dignidade ontológica, deiforme, garantida por uma natureza intimamente dotada de perpétua vitalidade.

4. Saber ler

1. O “livro” de Platão, princípio hermenêutico que se irradia por todas as veias de sua criação infundindo uma inteligibilidade mais plena a seus elementos centrais, não poderá ser totalmente decifrado a partir de uma abordagem da temporalidade de ordem histórica (lugar das contingências políticas e sociais) apenas, ou mesmo de ordem “lógica” (na qual a articulação discursiva ocorre³⁰): ambas, por si só, deixariam escapar por entre as malhas de suas formulações, aquilo que é original no sentido imediato e forte do termo. A autobiografia espiritual platônica, registrada num arquivo primordial arquetípico, tem seu ponto alfa numa dimensão remota, fora da história, eternitária, onde o sucessivo se anula: é nela que o tempo filosófico por excelência está incontornavelmente enraizado. Para alcançar, em sua radicalidade, esse código apropriado a uma leitura mais pertinente do *Diálogos*³¹, e então reconstruir e codificar toda a série genealógica de conceitos que neles são veiculados, é preciso uma “vista mais penetrante”: os olhos da maioria são incapazes de resistir à visão do divino (*Sof.* 245b). Somente incursões freqüentes ao Hiperurânio e a contemplação continuada das resplandescentes realidades que lá preexistem desde sempre, que os olhos do filósofo ser tornarão mais aptos a miradas vastas como sínteses, abarcadores daqueles sublimes espetáculos que convidam à uniformização em uma só Idéia,

todos os numerosos particulares que a ela se referem (*Rep.* 493e, 537d). E foi inspirado neles e para que pudesse proferir emulações a altura de toda essa grandeza, que Platão procurou forjar uma “linguagem ideal” que os permitisse invadir nosso presente com sua eterna verdade.

2. Na Academia, Platão selecionava discípulos com obstinada diligência, em função de sua índole filosófica, força intelectual para altos estudos, capacidade de visualização dos modelos de perfeição, as Formas³². Os que, por natureza, não fossem dotados de memória, de facilidade de aprender, de grandeza de alma (*Rep.* 497a), eram recusados por inaptidão para alcançar, em sua significação mais profunda, ensinamentos que comportassem graves e numerosas dificuldades (*Rep.* 505d), sobre os quais discorria então, esotericamente. O exercício de apreensão da tensão belamente conciliadora entre a multiplicidade e a unidade é para poucos: os possuidores de todos aqueles elementos que raramente se acham reunidos num mesmo ser (*Rep.* 503b), associados ainda a uma sã educação, que os tornará aptos a contemplar com o mais alto grau de precisão e nitidez, num rápido lampejo, o mais elevado dos conhecimentos (*Rep.* 493e-494a).

E, ao mesmo tempo, corresponde a esse período de fundação da escola, por paradoxal que possa parecer, a composição de alguns dos mais belos Diálogos de Platão. A intrepidez da opção por transpor, da condição dialogal para a espessura frágil da palavra, ainda que parcialmente, doutrinas veiculadas até então a um número pequeno de iniciados, o faz temer o mau uso que futuros leitores poderão delas fazer. Ao se tornarem exotéricas, não cairiam indistintamente nas mãos de quem tem e de quem não tem um comércio mais freqüente com o objeto fundamental de seus estudos? Uma vez refletidas por fórmulas escritas – convocadas a ser espelho do que é invisível, imortal e eterno mas por si só incapazes de defenderem-se de interpretações errôneas na ausência de seu autor (*Féd.* 275d) – e diante do imenso público (que abrange virtualmente todos aqueles que sabem ler) ao qual se abriram com impecável arte, poderão cumprir um destino filosófico inaugural?

A forma em que Platão magistralmente redigiu sua obra, um estilo inimitável do qual somente ele tem a receita – fornece apenas indícios do caminho que conduz à Verdade sem jamais desvelá-la plenamente – torna-se ainda mais árdua a tarefa de interpretá-lo. Ao manter ocultos os nexos fundamentais da urdidura de seus textos, intensamente marcada pelo jogo irônico da interrogação socrática com suas hábeis dissimulações, acaba por estabelecer uma triagem prévia entre os bons leitores (em pequeno número) e os maus (o grande

público), propensos a simplificações dogmáticas³³. A essência do pensamento de Platão apenas se manifesta em sua Idéia emblemática, àqueles que se esforçam por guiar-se através dos diálogos (*Sof.* 253b: *dia ton logon*) pela força dinâmica da dialética, em direção a seu nicho metafísico. Pois, se não quis revelá-la toda explicitamente, com sua obra, propôs o método adequado com o qual, na medida de um grande empenho, a alma se eleva a planos mais e mais abstratos até que uma visão pessoal mais nítida possa lhe advir (Mazon, 1956, p. 180).

3. Sempre que o espírito, em seu itinerário metódico, se depara com uma questão difícil que o impede de avançar, a arte platônica convoca a linguagem paradigmática do mito, dialeticamente reelaborada, para indicar a rota que o conduzirá à Verdade. *Logos* e *mythos* coexistem nesses diálogos, complementarmente, ao lado ou dentro um do outro, ou mesmo um sobre o outro: sob a luminosidade singular desse momento auroral do discurso filosófico, suas fronteiras com a língua dos relatos que remontam à antiga mitologia, e com as narrativas místicas, possuem um traçado ainda bastante sinuoso e ambíguo. Frequentemente, pontos principais da doutrina de Platão são apresentados ao espírito já fatigado pelo esforço continuado no exercício do pensamento puro, de modo verossímilante: mitos sobre a alma, sobre o nascimento do mundo, sobre a vida no além, com suas riquezas essenciais, integram o aparato metódico da argumentação dialética, transportam-no ao tempo eternamente cíclico das origens³⁴.

Pleno de imagens luminosas dirigidas mais à imaginação que à razão, um dos mais significativos mitos de Platão é esse da palinódia do *Fedro*, porque faz reverberar diante dos olhos extasiados do leitor a nervura central de seu pensamento religioso; e, ao mesmo tempo, ao relatar a vida das almas humanas no tempo das origens e o que puderam contemplar das coisas divinas antes de encarnar, estabelece o critério seletivo segundo o qual serão julgados os diferentes pretendentes a essa iniciação: com sua estrutura circular, diz G. Deleuze, é a narrativa de uma fundação³⁵. Por força então da imperiosa lei de Adrastea, invocada nesse texto pelo próprio Platão (248c), é inevitável que aquelas de visão mais curta, as mais esquecidas das divinas aparições, nas encarnações subsequentes sejam justamente os falsos pretendentes, isto é, os leitores menos preparados; e, aqueles que delas possuem reminiscências suficientes, os genuínos, capazes de abarcar o verdadeiro sentido desta fantástica *paideia*³⁶ brilhante como o sol e fecunda como o sêmen. E, de modo mais amplo, para todos esses que “viram” o bastante e cuja memória ora adormecida é facilmente recuperável pela alternância dialética entre potencialidade do *logos* e *mythos*, os Diálogos exercem

uma função radiosa, rememorativa de coisas de insondável antigüidade, há muito já sabidas.

A respeito das coisas de maior valor (*Fedro* 278d: *ta timiotes*), as realidades mais altas, Platão opta por um voluntário não-desvelamento, próprio as antigas religiões, exatamente para não expô-las a presunção da massa dos maus leitores. Pressupondo haver apreendido delas grandes coisas, como se fossem altamente instruídos “nesses augustos mistérios” (Carta VII, 341a), os inautênticos pretendentes passam a glosá-los e comentá-los arrogantemente, de modo insensato e arbitrário. Esforça-se, pois, por preservá-los aos já iniciados, dispostos a estabelecer longa convivência com seus textos, pelo exercício continuado nessa arte que agrada aos próprios deuses. É dicotomizando, definindo, distinguindo, recompondo a ordem interna das asserções platônicas pela dialética, infatigavelmente, que o autêntico leitor conseguirá a impregnação suficiente para uma compreensão mais adequada: repentinamente, com inefável encanto, ela brotará límpida e brilhante em sua alma, “como a luz nascida de uma faísca instantânea” (Carta VII, 341d; *Fedro* 265bc, 277e-278b; *Tim.* 59cd).

Uma vez que nem todas as camadas da experiência intelectual de Platão são igualmente acessíveis e penetráveis, cabe ao genuíno leitor, aprender a entrever nas mais profundas, a cadeia de correspondências essenciais, a rede compacta de relações entre seus principais conceitos. A obra de um autor não existe propriamente senão no espírito daquele que, marcado de maneira decisiva por ela, diz Schuhl (Schuhl, 1960, p. 22), consegue recriá-la: da mesma forma que um concerto é refeito cada vez que é interpretado por um músico, é valioso ao autêntico pretendente, a cada leitura, conseguir tocar um pouco mais fundo na intimidade de seu significado. Com a musicalidade própria de uma alma lírica – “que é a voz do eu transportada para o tom mais puro e mais elevado (Valéry, 1991, p. 50-1) – desdobrar-se-á em novas formulações, as ilimitadas conseqüências teóricas dessas composições; e com seus olhos já acostumados a “ver” – para saber ler a filosofia platônica é preciso saber ver – dada a longa convivência que manteve com elas, as reescreve sem alterar seu perfil inconfundível: lá onde a trama se adensa, face a uma “breve indicação” (C. VII, 341e), saberá ativar apaixonadamente uma nova cadeia de significados extraídos do enorme potencial que o *corpus* platônico contém. Ao propor suas enunciações alternativas, sem pretender haver feito soar a nota conclusiva, o executor de uma interpretação coerente mas demiúrgica, terá trazido algo de minimamente polido, e por isso brilhante, reiluminando algum pequeno matiz desse “livro”, a alma de Platão que insuperavelmente trouxe uma luz nova para os valores supremos da vida.

NOTAS

- * Professora Aposentada do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília.
- 1 Utilizamos, nas citações do texto do *Fedro*, a tradução de Jorge Paleikat (Platão, s/d).
 - 2 Negligenciar a ligação entre o que a alma se lembra (ou sabe) e a vida que reconhece como sua própria vida (a vida de outrora) faz com que a doutrina da reminiscência permaneça um mito belo mas opaco talvez, afirma Monticelli. O que é essa vida “antes”, da qual o filósofo finalmente deve buscar a lembrança? Desse mito, os filósofos posteriores não souberam muito o que fazer: esse “antes” metafórico permaneceu atado a Idéias transformando-se em sua propriedade lógica e epistemológica deixando, dessa maneira, que alguma coisa iluminadora se perdesse no caminho: as Idéias, em si mesmas, “isso em virtude do que um deus é um ser divino” (249c), assemelham-se muito mais a formas de vida (divina) que a universais “abstratos” ou a características comuns a diferentes dados particulares da experiência (Monticelli, 1994, p. 11, 20-1).
 - 3 Uma das principais características das cerimônias dos mistérios é o *makarismos*, o louvor ao estado venturoso daqueles que “viram”. No *Banquete*, utilizando-se dessa espécie de linguagem, Platão descreve a experiência da visão suprema do filósofo, estabelecendo a distinção entre a iniciação preliminar (*myein*) e os mistérios perfeitos e epópticos ao fim da ascensão dialética (209e). A visão do “imenso oceano” do Belo engendra uma multidão de belos e nobres discursos e pensamentos (*logous kai dianoemata*) mergulhado que está em uma inesgotável filosofia (*en philosophia aphthono*) cessando de ser, então, um *smikrologos* (*Ban.* 210d) (Burkert, 1992, p. 103; Schuhl, 1949, p. 205).
 - 4 Esse texto será reiteradamente imitado em linguagem mística por Filo e pelos platônicos posteriores até Dionísio Areopagita (Burkert, 1992, p. 102).
 - 5 De acordo com V. Goldschmidt, é porque Platão procura conciliar e unificar todas as coisas em Deus que a religião não pode disjuntar-se da filosofia (Goldschmidt, 1963, p. 138).
 - 6 De acordo com Kerényi, o saber de Platão pode ser traduzido pela perífrase “saber contemplativo”, cuja fonte é a capacidade visual do espírito. E porque o Objeto contemplado facultava-lhe o efetivo poder da evidência, ocorre essa cognição superior à do intelecto, na qual revela-se o que é digno de ver-se e de venerar-se: é uma experiência genuinamente religiosa em que o saber alcançado reporta-se a algo eterno e cuja plenitude é própria somente dos deuses (Kerényi, 1972, p. 109).
 - 7 Na concepção metalingüística de Goldschmidt, a visão da essência segundo Platão, ultrapassa inteiramente a ordem discursiva, ocorrendo somente num momento de tático silêncio quando nada mais se interpõe entre a alma e o Objeto (Goldschmidt, 1971, p. 8). E, para Festugière também, essa visão pelo intelecto, constitui uma espécie de êxtase, de união de ordem mística, imediata, de modo que o princípio mais cognoscível é menos dizível e mais inefável, ou seja, indefinível (Festugière, 1975, p. 223-230).

- 8 O conflito entre o pensamento e a linguagem, querela doutrinária central na experiência filosófica de Platão, está condensada nesse largamente conhecido e polemizado texto a respeito do caráter equívoco das palavras – há sobre essa questão uma vasta e bem estabelecida tradição de comentários – na digressão da Carta VII (341a-344b). Uma limitação de natureza as impossibilitaria de expressar com fidelidade as coisas maiores (*ta megista*), o “falso e o verdadeiro de todo ser” (*to pseudos ama kai alethes tes oles ousias*), as coisas mais sérias (*ta spoudaiotata*) (341a-b, 344-c). Provocativo, este texto remetaria o leitor a uma problemática de radical importância na filosofia de Platão, intrinsecamente vinculada ao dualismo hierarquizante entre o inteligível e o sensível, o invisível e o visível, a realidade e a aparência, a da superioridade do pensar sobre o dizer, seja ele falado ou escrito. Nele, Platão enunciaria, não apenas a insuficiência da escrita face ao discurso oral, vivo, mas a *astenia* própria à palavra, seja ela falada ou escrita como médium da filosofia: a linguagem residiria do lado do mundo sensível, das coisas visíveis e aparentes (Joly, 1974, p. 97s).
- 9 Platão nos convida a viajar com ele, diz Havelock, contudo não seria fácil fazê-lo se não tivesse tentado simbolizar essas abstrações recém-descobertas em termos visuais (Havelock, 1996, p. 285).
- 10 Na *República*, Platão faz uso dessa imagem da alma enquanto suporte da escrita, quando se propõe a estudar a justiça no ser humano, “onde está escrita em minúsculos caracteres”. Será preciso, porém, examiná-la, antes, num quadro maior, a cidade, para em seguida decifrar no menor e verificar se coincidem (368d).
- 11 Segundo Havelock, a tradução comum desse termo por “livro” é equívoca, pois, como se sabe, folhas de papiros podiam ser colocadas nas bordas, em série, de modo a formar uma superfície extensa que podia ser enrolada. O diminutivo *biblion* tampouco significava livro ou rolo, trata-se de uma folha ou duas de papiro dobradas juntas (Havelock, 1994, p. 341).
- 12 Entre os gregos, as cores que o pintor amalgamava fazendo surgir, da matéria inerte, figuras cintilantes, coloridas, vivas, eram chamadas de *poikila* (Detienne, 1988, p. 56).
- 13 Sobre o caráter musical do *Fedro*, ver Bourget (Bourget, 1919, p. 345-7) e Rodis-Lewis (1975, p. 5-6); sobre a proximidade do músico e do filósofo, ver *Fedro* 248d, 259b-d.
- 14 O que faz do platonismo uma grande filosofia, diz Moureau, é sua capacidade de transcender a “letra” explícita dos textos dos Diálogos, enquanto o espírito que lhe dá pleno sentido (Moureau, s/d, p. 66-67).
- 15 De acordo com esse diálogo, a educação não consiste no que alguns dizem ser, colocar na alma um conhecimento que não havia antes como se fosse dada a visão a olhos cegos, mas dirigir o olhar para a direção correta: é a arte da conversão do olho interior, para o ângulo da realidade divina (*Rep.* 518a-519a; Heidegger, 1968, p. 135-142; Paquet, 1973, p. 353-4).
- 16 As exigências essenciais da religião platônica podem ser resumidas em uma palavra, diz Paquet: religião interior antes de tudo, atitude moral e intelectual e não simples ritualismo (Paquet, 1973, p. 298-9).

- 17 A força de expressão de Platão é tão grande que após haver lido esse mito ou após ter visto desenrolar-se sob os nossos olhos todas as aventuras que ocorrem a essa carruagem e suas asas, diz Marignac, tem-se o sentimento de conhecer verdadeiramente a natureza da alma, de saber plenamente o que nos somos, de onde viemos e por quais razões agimos assim e não de outro modo (Marignac, 1951, p. 123).
- 18 Só há boa poesia, segundo Platão, quando é produzida sob o efeito de um dom divino e aquele que bater as suas portas sem estar tocado pela loucura das Musas, não será facultado o acesso ao mistério, suas concepções sóbrias serão eclipsadas pelas criações feitas fora de si. (*Fedro*, 245a, *Ion* 533e, *Apol.* 22c).
- 19 A palinódia pode ser considerada parte integrante da busca socrática do auto-conhecimento, afirma Griswold, e o *Fedro* um extenso e complexo escrito sobre a alma (Griswold, 1981, p. 478-9).
- 20 É possível distinguir na terminologia platônica, afirma Hüni, uma imagem que é derivada ou cópia (*Abbild*) de uma que é original, arquétipo (*Urbild*) (Hüni, 1993, p. 69).
- 21 Se há uma idéia que pode servir de laço visível e seguro entre o pensamento intelectual de Platão (e considerá-la como sua própria essência) e seu pensamento religioso, afirma Dies, é a idéia da imitação dos atributos e costumes de seu deus: todos os avatares da alma são infalivelmente regidos pela lei da imitação (Dies, 1927, p. 593 e 600).
- 22 O ponto crucial que a maioria dos filósofos posteriores negligenciou, diz Monticelli, é exatamente essa ligação entre o ser próprio do homem e o conhecimento essencial. Aquilo que o filósofo busca recordar-se é, finalmente, quem era: o que era, para ele, ser? Pois, não é senão por seu ser próprio, por sua própria vida que ele pode ascender à das Idéias: é mais ou menos assim que Platão, aparentemente, interpretou a palavra délfica “conhece-te a ti mesmo” (Monticelli, 1994, p. 12).
- 23 A perfeição humana consiste na assimilação a Deus (*homoiosis theo*), afirma Platão no *Teeteto* (196a-b), ao fim de uma longa convivência com o que é ordenado e divino (*Rep.* VI, 500c-d).
- 24 A crítica endereçada por Sócrates a Lísias é a de que não se articula um discurso verdadeiramente filosófico fazendo o inverso, tomando-o pelo fim, “como alguns que tentam nadar de costas”, em lugar de começar pelo princípio (*Fedro*, 264a).
- 25 A conclusão do *Fedro* é menos uma condenação da escritura em nome da fala presente, diz Derrida, que a preferência de uma escritura a outra, de um rastro fecundo a um rastro estéril, de uma semente geradora porque depositada no dentro, a uma semente gasta no fora em pura perda: no risco da disseminação (Derrida, 1991, p. 101).
- 26 Paradoxalmente, embora estejamos de posse de tudo que Platão escreveu, não conhecemos, com base em tais escritos, tudo aquilo que ele pensou, afirma Reale (Reale, 1997, p. 3). Nessa obra, Reale busca lançar luz sobre as doutrinas que Platão teria se recusado a consignar por escrito, através de um novo paradigma hermenêutico, a tradição indireta o qual, segundo diz, amplia significativamente os horizontes da filosofia de Platão.

- 27 A História da Filosofia poderia ser escrita, diz Schaerer, fundamentando-se unicamente sobre as interpretações sucessivas, das quais o pensamento platônico foi objeto no curso dos séculos (Schaerer, 1969, p. 10). Platão é um pensador, diz Havelock, no qual as forças seminais de toda uma época vêm à luz (Havelock, 1994, p. 292)... A Europa ainda vive à sua sombra empregando sua linguagem, aceitando suas dicotomias e submetendo-se à sua disciplina do abstrato como principal veículo de educação superior até hoje (p. 318).
- 28 Italo Calvino afirma, em *Seis propostas para o próximo milênio*, ser um sinal de que este milênio, que viu o objeto-livro tomar a forma que nos é familiar, está para findar-se, é a freqüência com que nos interrogamos sobre o destino da literatura e do livro na era tecnológica dita pós-industrial. Dedicar as conferências que constituem seu livro a valores ou especificidades da literatura que lhe são caros e que apenas ela pode salvar, como um importante legado para nortear as gerações do ano 2.000 (Calvino, 1990, p. 11).
- 29 “Não foi o homem quem deu a si mesmo o gosto pelo infinito e o amor pelo que é imortal. Seus instintos sublimes não nascem de um capricho da vontade; têm seu fundamento imóvel em sua natureza; eles existem a despeito de seus esforços. Pode obstá-los e deformá-los, mas não destruí-los.” (Tocqueville, 1951, p. 13)
- 30 Segundo Goldschmidt, filosofia e dialética são coextensivos, seu método engendra incessantemente dogmas que não poderiam ter autonomia e nem peso suficiente para valer sem ele: toda filosofia é uma totalidade onde se juntam, indissolavelmente, as teses e os movimentos que os criaram (Goldschmidt, 1963, p. 146). Há assim, inscrito na estrutura de cada Diálogo, um “sistema” de Platão, e é somente após haver encontrado cada um deles, que se poderá ver se há um sistema comum que os engloba. A análise dos “sistemas” segundo o método, descobrirá um tempo lógico, no sentido literal e platônico da palavra, o tempo em que se constrói e se experimenta o método dialético em busca das teses, e para além delas, desse ponto luminoso e fora do tempo que é o Bem-Um (id., 1970, p. 32-33).
- 31 A existência de formas estáveis e, em primeiro lugar, a da Forma-conhecimento, constituem um “código canônico e por assim dizer natural sob a direção de um mestre” (Gaudin, 1990, p. 127; nota 22).
- 32 De acordo com Havelock, a linguagem de Platão pressupõe uma espécie de círculo acostumado ao uso do termo Forma para identificar um tipo de objeto (Havelock, 1996, p. 269).
- 33 Com sua ironia, Platão teria querido dizer que os que não podem entender devem equivocar-se, afirma Jaspers (Jaspers, 1973, p. 358).
- 34 Na *República*, Platão denomina seu discurso *mythologeia* (501e) no sentido amplo de narrativa e suas idéias centrais são representadas por imagens: a do Sol a Idéia suprema, a da linha e suas partes a visão hierarquizante do real, a da caverna a da sabedoria e da ignorância, o relato de Er os destinos escatológicos da alma.
- 35 O real objetivo do método dialético no *Fedro*, segundo Deleuze, é definir ou, mais precisamente, fazer a triagem dos autênticos e inautênticos pretendentes. Para tanto, a divisão dicotômica se faz substituir em certo momento por um mito que, embora

pareça interromper o esforço dialético, na verdade, é integrante da divisão mesma, que magistralmente reúne a potencialidade dialética e a potencialidade mítica.

- 36 Platão estabelece para seus leitores exigências similares as que Descartes enunciará em suas *Meditações*: “O caminho que tenho para explicá-las (as questões relativas a Deus e a alma humana) é tão pouco percorrido e tão afastado da via ordinária, que não creio ser útil mostrá-lo em francês e num discurso que pode ser lido por todos, receio que os fracos de espírito não creiam que lhes foi permitido tentar essa via... Eu jamais aconselho alguém a ler esse livro, senão aqueles que quiserem meditar seriamente comigo” (Descartes, s/d, p. 3).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: FU, 1993.
- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BERNHARDT, J. *Platon et le matérialisme ancien*. Paris: Payot, 1971.
- BOURGET, E. Sur la composition du Phèdre. *Revue de Metaphysique et de Morale*. t. 26, 1919.
- BURKERT, W. A Experiência Extraordinária. In: _____. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Edusp, 1992.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae*. Lisboa: Gulbenkian, 1975.
- DELEUZE, G. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- DESCARTES, R. *Le libraire au lecteur*. Paris: Ed. Adam et Tannery, s/d. t. 9.
- DETIENNE, M. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DIES, A. *Autour de Platon*. Paris: Beauchesne, 1927.
- EBERT, T. A pre-socratic philosopher behind the Phaedrus: Empedocles. *Revue de Philosophie Ancienne*. Bruxelles, n. 2, 1993.
- FESTUGIÈRE, A. J. *Contemplation et vie contemplative selon Platon*. Paris: Vrin, 1975.
- GAUDIN, C. *Platon et l'alphabet*. Paris: PUF, 1990.
- GOLDSCHMIDT, V. *A religião de Platão*. São Paulo: Difel, 1963.

- _____. *Les dialogues de Platon*. Paris: PUF, 1971.
- _____. Sur le Système de Platon. In: _____. *Questions Platoniciennes*. Paris: Vrin, 1970.
- GRISWOLD, C. Self-knowledge and the “idea” of the soul in Plato’s “Phaedrus”. *Revue de Metaphysique et de Morale*. n. 4, 1981.
- HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Prefácio a Platão*. Campinas: Papirus, 1996.
- HEIDEGGER, M. La Doctrine de Platon sur la vérité. In: _____. *Questions II*. Paris: Gallimard, 1968.
- HÜNI, H. Lumière et idée chez Platon. *Revue de Philosophie Ancienne*. Bruxelles, n. 1, 1993.
- JASPERS, K. *I grandi filosofi*. Milão: Longanesi, 1973.
- JOLY, H. *Le renversement platonicien*. Paris: Vrin, 1974.
- KERENYI, K. *La religion antiga*. Madrid: Castilla, 1972.
- LEFORT, C. Morte da Imortalidade. In: *Pensando o Político*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.
- MARIGNAC, A. de. *Imagination et dialectique*. Paris: Belles Lettres, 1951.
- MAZON, P. Sur une lettre de Platon. In: *Mélanges de Philosophie grecque*. Paris: Vrin, 1956.
- MESNARD, P. La vérité transcendante du Socrate d’Aristophane. In: *Mélanges de Philosophie grecque*. Paris: Vrin, 1956.
- MONTICELLI, R. de. Sur la connaissance essentielle selon Platon. *Revue de Philosophie Ancienne*. Bruxelles, n. 1, 1994.
- MOUREAU, J. Platon et l’idéalisme chrétien. *Revue d’Études Anciennes*. s/d.
- OTTO, W. *Teofania*. Buenos Aires: Eudeba, 1978.
- PAQUET, L. *La méditation du regard*. Leiden: E. J. Brill, 1973.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução de J. Paleikat. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Loyola, 1997.
- RODHE, E. *Psique*. Barcelona: Labor, 1973.
- RODIS-LEWIS, G. L’articulation des thèmes du “Phèdre”. *Revue Philosophique*. n. 1, 1975.
- SCHAERER, R. *Epistème et Techné. Étude sur les notions de connaissance et d’art d’Homère à Platon*. Mâcon: Protat, 1930.

- _____. *La question platonicienne*. Paris: Vrin, 1969.
- SCHUHL, P. M. *Essai sur la formation de la pensée grecque*. Paris: PUF, 1949.
- _____. *L'Oeuvre de Platon*. Paris: Vrin, 1971.
- _____. Savoir lire. In: *Études Platoniciennes*, Paris: PUF, 1960.
- SCHULER, D. *Eros, Dialética e Retórica*. São Paulo: Edusp, 1992.
- TOCQUEVILLE, A. De la Démocratie en Amérique. In: _____. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1951. t. 2.
- VALÉRY, P. Villon et Verlaine. In: *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- WOLFF, F. *Sócrates*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Maria Carolina Alves dos. *Le “Livre” de Platon: un commentaire sur le mythe escatologique du Phèdre*.

RÉSUMÉ: *Cet article est une méditation sur le sens de l'oeuvre de Platon, sous l'aspect du mythe fascinant exposé par Socrate, dans Phèdre, dans sa palinodie à Eros. Le récit qu'il fait du temps fabuleux des origines, étant l'histoire d'une fondation, est ici considéré en tant que paradigme herméneutique à partir duquel l'originalité de la philosophie de Platon, dont le caractère est essentiellement religieux, peut être entrevue dans sa grandeur qui lui est propre.*

MOTS-CLÉS: *Platon; mythe; réminiscence; écriture; âme.*